

Querer ser já não é, e aquilo que resta é você

Jessica Caiado

Resumo

Existe um não querer saber que é próprio da neurose, a paixão do querer ser, daquilo que não se é, uma estrutura que tenta negar aquilo de mais radical em cada um, a própria castração. Não queremos saber dos nossos sintomas, daquilo que nos limita, daquele que aparece no atropelo da fala, o inconsciente. O sujeito deposita no Outro a resposta para sua existência, endereça isso para que diga aquilo que lhe falta e que o completaria na sua condição de sujeito faltante, castrado. Uma tentativa de reparação, de completude, do se fazer Um, e as paixões, amor, ódio e ignorância, são respostas a isso. Assim, em relação ao amor, o sujeito se aliena a ele, o amor como tapeação à falta. Assim, é possível pensar o amor não como resposta, mas, como diz Lacan, como dom ativo, que visa sempre, para além da cativação imaginária, ao ser do sujeito amado, a marca mais radical de sua diferença como sujeito falante, faltante.

Palavras-chave:

Amor; Tapeação; Desejo; Falta.

Wanting to be is no longer, and what remains is you

Abstract

There is a non-wanting to know that is characteristic of neurosis, the passion of wanting to be, of what one is not, a structure that tries to deny the most radical thing in each one, castration itself. We don't want to know about our symptoms, what limits us, what appears in the rush of speech, the unconscious. The subject deposits in the Other the answer to his existence, addresses this so that he says what he lacks and that would complete him in his condition of a missing subject, castrated. An attempt at reparation, at completeness, at becoming One, and the passions, love, hate and ignorance, are responses to this. Thus, in relation to love, the subject alienates himself from it, love as a deception of lack. Thus, it is possible to think of love not as a response, but, as Lacan says, as an active gift, which always aims, beyond imaginary captivation, at the being of the loved subject, the most radical mark of his difference as a speaking, missing subject.

Keywords:

Love; Deceit; Desire; Lack.

Querer ser ya no es, y lo que queda eres tú

Resumen

Hay un no querer saber propio de la neurosis, la pasión de querer ser, de lo que no se es, una estructura que trata de negar lo más radical en cada uno, la castración misma. No queremos saber de nuestros síntomas, de lo que nos limita, de lo que aparece en el torrente del habla, del inconsciente. El sujeto deposita en el Otro la respuesta a su existencia, se dirige a este para que diga lo que le falta y que lo completaría en su condición de sujeto desaparecido, castrado. Un intento de reparación, de plenitud, de hacerse Uno, y las pasiones, el amor, el odio y la ignorancia, son respuestas a esto. Así, en relación al amor, el sujeto se enajena de él, el amor como engaño de la carencia. Así, es posible pensar el amor no como una respuesta, sino, como dice Lacan, como un don activo, que apunta siempre, más allá de la cautivación imaginaria, al ser del sujeto amado, la marca más radical de su diferencia como hablante, sujeto perdido.

Palabras clave:

Amor; Engaño; Deseo; Carencia.

Vouloir être n'est plus, et ce qui reste c'est toi

Résumé

Il y a un non-vouloir savoir propre à la névrose, la passion de vouloir être, de ce qu'on n'est pas, une structure qui tente de nier ce qu'il y a de plus radical en chacun, la castration elle-même. Nous ne voulons pas connaître nos symptômes, ce qui nous limite, ce qui apparaît dans la précipitation de la parole, l'inconscient. Le sujet dépose dans l'Autre la réponse à son existence, l'adresse pour qu'il dise ce qui lui manque et qui le compléterait dans sa condition de sujet manquant, castré. Une tentative de réparation, de plénitude, de devenir Un, et les passions, l'amour, la haine et l'ignorance, y répondent. Ainsi, par rapport à l'amour, le sujet s'en aliène, l'amour comme tromperie du manque. Ainsi, il est possible de penser l'amour non pas comme une réponse, mais, comme le dit Lacan, comme un don actif, qui vise toujours, au-delà de l'envoûtement imaginaire, l'être du sujet aimé, la marque la plus radicale de sa différence en tant que parlant, sujet manquant.

Mots-clés :

Amour ; Tromperie ; Désir ; Manque.

Introdução

Sabemos que, como sujeitos, não somos seres do instinto, mas pulsionais, e isso implica a busca daquilo que dê consistência, mas seria essa uma consistência ao ser? Lacan (1953-1954/1986, p. 261) nos adverte de que “a noção de ser, desde que tentamos apreendê-la, mostra-se tão inapreensível quanto a palavra. Porque o ser, o verbo mesmo, só existe no registro da palavra”. Assim, existe uma fabricação para cada sujeito, uma construção própria, singular, daquilo que equivaleria à própria felicidade. A fabricação de um objeto para sempre perdido, com uma roupagem outra que fantasiemos acerca dele, afinal, é a fantasia que sustenta o desejo, e não seu objeto, uma fantasia sempre de completude em relação aos objetos (Lacan, 1964/1985).

Freud (1914-1916/2010, p. 20) já dizia que “é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar”. É preciso investir na libido, é preciso se alienar a essa paixão, é preciso viver o amor, para que não se sucumba, apesar da frustração que se relacionar com o outro pressupõe. Entretanto, assim como a psicanálise é repleta de paradoxos, mais um aparece: o outro é uma das três fontes do nosso sofrer, em razão da “insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade”, juntamente com a prepotência da natureza e a fragilidade de nosso corpo (Freud, 1930-1936/2010, p. 29).

Aqui já se marca outro paradoxo: o de lidar com o outro, o meu semelhante, que também aparece como um rival para mim. É preciso amar um outro para não adoecer, este que também é fonte do meu sofrer. Este que aparece como objeto de amor e também do ódio, afinal estes não são opostos, estão presentes na relação com o outro.

Quinet (2012) nos lembra que “o outro é igual e rival”, na medida em que me identifico com ele; assemelha-se a mim, vejo-o como o meu ideal. Segundo Lacan (1986), quando pensamos em ideal, temos em mente a relação do “Eu ideal” e “Ideal do eu”, e esse primeiro se refere à imagem do espelho que o sujeito tem dele, refere-se a uma instância imaginária. Contudo, para que essa imagem se constitua, é necessário que um outro esteja em posição no simbólico que nomeie essa imagem: “Tu és isto”. O modelo que guiará essa projeção é nomeado de Ideal do eu, como nos diz Lacan (1953-1954/1986): “é o outro como falante, o outro na medida em que mantém comigo uma relação simbólica, sublimada”, aquilo que deverá ser, segundo sua fantasia, acerca de sua imagem.

Contudo, esse outro também é um intruso, um rival, quero que ele morra, ou ainda, quero possuir tudo aquilo que não tenho. Trava-se, então, uma batalha: de uma demanda, sempre uma demanda de amor e de reconhecimento, entre mim e o outro, mas, para que esse combate aconteça, é necessário que cada um inicialmente reconheça o outro.

Desenvolvimento

É que existe um não querer saber que é próprio da neurose, a paixão do querer ser, daquilo que não se é, uma estrutura que tenta negar aquilo de mais radical em cada um, a própria castração. Não queremos saber dos nossos sintomas, daquilo que nos limita, daquele que aparece no atropelo da fala, o inconsciente. Isso me lembra o trecho de uma música, que se chama *Novo ciclo* (Box, 2018), que diz assim: “querer ser já não é, e aquilo que resta é você”, frase com a qual nomeei o título deste trabalho. Aquilo que resta é sempre você, sujeito faltoso, o resto, já que a neurose é filha da falta. O resto, como nos ensina Clarice Lispector (1998, p. 24), “o resto eram sempre as organizações de mim mesma... O resto era o modo como pouco a pouco eu havia me transformado na pessoa do meu nome. E acabei sendo o meu nome”. Qual seria a relação do resto com o próprio nome? Ou, ainda, com o resto daquela imagem do espelho que me disseram que sou?

É que o sujeito deposita no Outro a resposta para sua existência. Endereça isso para que diga aquilo que lhe falta e que o completaria na sua condição de sujeito faltante, castrado. É uma tentativa de reparação, de completude, do se fazer Um, e as paixões do ser, amor, ódio e ignorância, são respostas a isso. Uma resposta ao que o Outro quer de mim, que eu suponho, na janela da fantasia, que ele me diga sobre o meu destino, minha completude. “Se a falta-a-ser sustenta o amor enquanto demanda ao Outro, também o ódio e a ignorância são respostas do Outro que sempre é solicitado a completar o ser” (Lacan, 1958/1998, p. 633-634).

Assim, em relação ao amor, o sujeito se aliena a ele como uma resposta a essa falta, o amor como tapeação à falta. Serve de tampão, ou, ainda, rolinha, tudo para não se ver o buraco da própria constituição subjetiva.

No *Seminário 11*, Lacan (1964/1985) nos lembra que é no amor que encontramos o modelo para a tapeação, esse modo de relação do amor com a falta, da tentativa de não lidar com o próprio furo, uma vez que este funciona muito bem sendo furo, não tamponado:

(...) se há domínio em que, no discurso, a tapeação tem em algum lugar chance de ter sucesso, é certamente no amor que encontramos seu modelo. Que maneira melhor de se garantir, sobre o ponto em que nos enganamos, do que persuadir o outro da verdade do que lhe adiantamos! Não está aí uma estrutura fundamental da dimensão do amor que a transferência nos dá ocasião de imajar? Ao persuadir o outro de que ele tem o que nos pode completar, nós nos garantimos de poder continuar a desconhecer precisamente aquilo que nos falta. O círculo da tapeação, enquanto que não nomeado, faz surgir a dimensão do amor. (Lacan, 1964/1985, p. 133)

Se pensarmos a dimensão do amor como resposta à falta, vamos trabalhar sua dimensão imaginária, um lugar da rolha para o furo, um lugar em que o Outro me vê e em que também me agrada ser visto (Lacan, 1964/1985). Entretanto, o amor pode ser colocado em um mais além, onde ele renunciará a seu objeto, não mais em uma posição de se acorrentar ao desejo do outro, mas para além de si, para além de uma dimensão imaginária, afastando-se do círculo da tapeação.

Vale lembrar que “amor é desejo” (Roudinesco, 2019, p. 19), uma vez que o desejo se funda na falta: os objetos de amor sempre são aqueles que não temos, aqueles objetos que nos faltam. Não desejamos aquilo que temos, o que nos lembra a máxima de Lacan: “o amor é dar o que não se tem a alguém que não o quer”.

Conclusão

Dito isso, é possível pensar o amor não como resposta, mas, como diz Lacan (1953-1954/1986, p. 315), como dom ativo: “O amor, não mais como paixão, mas como dom ativo, visa sempre, para além da cativação imaginária, ao ser do sujeito amado, à sua particularidade”, visando sempre à marca mais radical de sua diferença como sujeito falante, faltante.

O amor como dom ativo se diferencia da paixão. É que ele se refere à dimensão do simbólico, da palavra, e, portanto, há uma abertura para o equívoco, o enigma, o sujeito (Lacan, 1953/1954/1985). Não se visa mais a fazer Um com o outro, mas dois, sujeitos, faltantes.

Uma vez que visa à particularidade do sujeito, essa marca pode presentificar-se de diversas maneiras, inclusive como forma de sublimação, ao lado das experiências intelectuais e também esportivas. É uma maneira particular de destino a partir de sua falta, a partir de sua singularidade de cada um, um lugar que seja de destino para a angústia.

Lacan (1959-1960/1988, p. 262) define a sublimação como uma nova forma de lidar com o desejo, saindo de uma substituição metonímica dos objetos, aparecendo “onde se projeta algo para além, na origem da cadeia significante, lugar onde tudo que é lugar do ser é posto em causa”.

É esse lugar que não se pode fabricar, fazer série, muito menos copiar, que, como nos diz Clarice Lispector (1998, p. 13), tenhamos “a grande coragem de resistir à tentação de inventar uma forma” e que possamos nos arriscar à enorme surpresa que sentiremos “com a pobreza da coisa dita” (Lispector, 1998, p. 18). Pois, no final das contas, é algo que incide no que não é o todo, mas o possível, que não se trata do que se é, mas do resto, que também é você.

Referências bibliográficas

- Box, R. (2018). *Novo ciclo*. Casa 1 Records. (3min51s).
- Freud, S. (2010). *Obras completas: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (P. C. de S., Trad.) (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914-1916)
- Freud, S. (2010). *Obras completas: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (P. C. de S., Trad.) (Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930-1936)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lispector, C. (1998). *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco.
- Roudinesco, E. (2019). *Dicionário amoroso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.

Recebido: 01/12/2022

Aprovado: 15/12/2022